

Escrever sobre o Serviço Médico à Periferia é falar de uma vivência/experiência pessoal riquíssima nos planos social e profissional que determinou a minha vida futura.

Sair dos Hospitais Civis de Lisboa, onde terminei a licenciatura, e onde tinha feito Urgência (Hospital de S. José) como voluntário desde o 4.º ano de Medicina, e ir para o Centro de Saúde de Odemira, foi chegar a um mundo diferente.

Há quatro aspectos dessa vivência que acho dever sublinhar:

- O mais marcante tem a ver com a **proximidade com a população**. De início, tal como num grande hospital não conhecia ninguém. Com o passar de tempo fomos conhecendo as pessoas a quem prestávamos cuidados de saúde. A relação de proximidade e confiança que se estabeleceu é, em meu entender, o traço identitário dos cuidados de saúde primários.
- **A escassez de meios**, em comparação com o grande hospital, era marcante. Além da indiferenciação do pessoal, o acesso a meios complementares de diagnóstico era difícil, pois só existiam em Beja, a cerca de 100 Km. Atenuou esta carência um pequeno aparelho de RX que existia no “Hospital de Odemira” que era manobrado por nós e, em desespero de causa, um pequeno laboratório que montámos.
- **O tipo de patologias** era bastante diferente do que estávamos habituados nos grandes hospitais. Exetuando alguns casos mais graves que seguíamos em internamento ou que referencíavamos, tínhamos que acompanhar situações comuns na comunidade e que não requerem recurso a hospital. Para além da atividade clínica desenvolvíamos também atividades de promoção da saúde e prevenção, tais como sessões públicas sobre problemas de saúde, consultas de materno-infantil, planeamento familiar e saúde escolar (observámos cerca de 5000 crianças do ensino primário)
- **O trabalho de equipa** foi uma característica da nossa ação profissional. Não havendo médicos mais graduados, a responsabilidade era toda nossa. Planeávamos o trabalho (escalas de urgência e de consultas nas localidades do concelho) e recorriámos uns os outros em caso de necessidade ou dúvida. O facto de vivermos todos na mesma casa ajudou, também, a cimentar a relação entre todos. Ideias diferentes, objetivos comuns.

O que então vivi fez-me perceber que, em termos de saúde, eu seria mais útil num serviço de primeira linha do que num grande hospital. Regressado a Lisboa, desisti de entrar no internato. Fiz o curso de Saúde Pública, após o qual parti para Grândola, a convite do Presidente da câmara local. Estávamos em 1977 e ainda não havia a Carreira Médica de Saúde Pública.

Acho que os jovens médicos de hoje, nunca passarão por uma experiência como a que eu e os meus colegas passámos no SMP. Tenho pena, pois acho que perdem algo extremamente útil para a sua formação.